

MULHERES, NATUREZA E LITERATURA EM QUESTÃO

LOURENÇO, Laurenny; BRANDÃO, Izabel (orgs.). *Ecologia, Literatura e Autoria Feminina: contornos críticos e leituras contemporâneas*. Campinas: Mercado de Letras, 2024.

Vivendo sob a urgência do decênio decisivo¹, frente à crise climática, o ecofeminismo tem se mostrado uma abordagem promissora para a recuperação de saberes e a elaboração de novos conhecimentos que colaborem para a construção de outros futuros possíveis que não aqueles fadados à destruição. Nesse cenário, obras como *Ecologia, Literatura e Autoria Feminina: contornos críticos e leituras contemporâneas*, publicada em 2024, pela editora Mercado de Letras, a qual se propõe resenhar neste texto, surgem contribuindo significativamente com esse debate. Dividida em oito capítulos ensaísticos, assinados por diferentes pesquisadoras da atualidade, e em diálogo com a perspectiva do ecofeminismo/ecocrítica feminista, a obra é resultado de um trabalho contínuo das pesquisadoras e organizadoras do livro, Izabel Brandão, doutora em English Literature (University of Sheffield), pós-doutora pela UFMG e professora titular da UFAL (aposentada), e Laurenny Lourenço, doutora em Estudos Literários (UFAL) e professora associada na Faculdade de Letras da UFMG.

Com uma trajetória significativa de pesquisa na área, que já rendeu outras publicações, como *Literatura e Ecologia: trilhando novos caminhos críticos* (EDUFAL, 2019), Brandão e Lourenço reúnem, nesta nova coletânea, ensaios que exploram poesias e narrativas em prosa de autoras brasileiras e estrangeiras sob um olhar ecofeminista. Como as próprias organizadoras apontam no texto de apresentação à obra, as questões climáticas estão na ordem do dia, pensar sobre elas, portanto, é não apenas relevante, mas urgente, necessário. Sob essa perspectiva, o *ebook* introduz o leitor a fundamentos dos estudos de ecocrítica e ecofeminismo, destacando, por exemplo, a origem dos conceitos e ideias com William Rueckert e Françoise d'Eaubonne, e ressaltando a natureza interdisciplinar dessa crítica. A coletânea, composta por ensaios variados e de abordagens diversas, reflete o compromisso ético e a amplitude desse campo emergente, ampliando o olhar crítico sobre a relação entre literatura, gênero e natureza.

O capítulo I, intitulado “Ecofeminismo e poética do corpo em Moqueca de Maridos: mitos eróticos indígenas”, de autoria de Priscila Maria de Barros Borges, doutoranda em Estudos Literários (UFMG), traz como objeto de análise o livro *Moqueca de maridos: mitos eróticos indígenas*, uma coletânea de narrativas indígenas de tradição oral organizada pela antropóloga Betty Mindlin (1997) em colaboração com narradores indígenas do estado de Rondônia. A autora do ensaio já começa destacando a relevância da obra, que é uma das poucas coletâneas produzidas e publicadas no Brasil.

¹ Refere-se aqui às ideias de Luiz Marques em *O decênio decisivo* (2023), no qual o pesquisador aponta que o estado do planeta se mostra mais crítico e brutal do que nunca.

Joana Gonçalves Coelho Silva

Graduada em Letras (CEFET-MG), Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: joanagcoelho@gmail.com

Passando por Maria Inês Almeida (2009), Glória Anzaldúa (2016), Ynestra King (1997), Davi Kopenawa (2015), entre outras referências, e por narrativas selecionadas – entre elas: “A cantiga koman, ou as mulheres devorando moqueca de maridos”; “As mulheres sem homens, as amazonas, as kaledjaa-ipeb, mulheres-pretas”; “A mulher de barro”; “A mulher do anta”; “A raposa antiga, Watirinoti, ou a vingança”; “A esposa ofendida, a fuga para um marido-Arara e a altura das castanheiras” – Priscila Borges destaca uma série de temas que “ocupam um espaço importante nas narrativas indígenas”, tais como as tensões de gênero, a inversão de papéis sociais e a presença de um segredo que não pode ser revelado. Ao evocar múltiplas figuras e imaginários míticos oriundos de distintas culturas indígenas, como a figura de Katxuréu, que representaria o feminino monstruoso, o ensaio traça um rico panorama sobre alguns aspectos culturais indígenas e revela como as narrativas de *Moqueca de maridos* possibilitam refletir sobre as políticas de dominação dos corpos em sociedades indígenas e não indígenas, contribuindo, dessa forma, para a discussão ecofeminista – à qual o ensaio também busca se aproximar.

O capítulo II, que traz como título “Conceição Evaristo: uma leitura ecofeminista e decolonial de *Becos da Memória*”, de autoria de Raquel D’ Elboux Couto Nunes, doutora em Linguística e Literatura (UFAL) e professora da UFAL, aprofunda-se, como o próprio título já indica, na obra *Becos da memória*, da escritora mineira Conceição Evaristo. Apoiando-se na perspectiva da interseccionalidade e em conceitos diversos, como os de “relação transcorpórea” de Alaimo (2017), “intra-ação” de Barad (2007) e “ferida colonial” de Quijano (2005), Raquel Nunes revela como as perspectivas decolonial e ecofeminista se conectam. Entre seus eixos de análise, a autora enfoca a questão da água, entendendo-a, em consonância com Vandana Shiva (2002), como um direito natural de todos, e refletindo sobre a relação ambígua dos personagens que, ao mesmo tempo em que encontram na água uma forma de salvação, sofrem com sua escassez e as consequências disso.

Um dos aspectos notáveis deste segundo ensaio são as metáforas que a autora identifica na obra de Evaristo. A enchente presente na narrativa, por exemplo, é entendida por Nunes como metáfora para o grupo marginalizado que protagoniza o romance e que é “inundado com categorias diferentes de opressão”; os corpos misturados à terra são lidos como metáfora para o “massacre de povos escravizados em nome do progresso”. Ao aproximar as questões referente à raça, ao sistema sexo-gênero, e à natureza e marginalização, com um rico aporte teórico, o ensaio traz à tona como a ferida colonial em *Becos da memória* aparece sob a forma de racismo, fome, escassez de água, falta de saneamento básico e de assistência médica, sexismo, falta de voz, pobreza e violência.

O capítulo III, de título “Espaços da transcorporeidade em poemas de Jackie Kay” e autoria de Izabel Brandão, uma das organizadoras do *ebook* aqui já apresentada, traz interpretações acerca da obra da poeta escocesa Jackie Kay, começando por destacá-la como ainda pouco conhecida no Brasil. Brandão revela trabalhar com a poesia de Kay desde 2012, trançando uma intersecção entre gênero e a crítica feminista, a partir de aprofundamentos relativos aos espaços da transcorporeidade, conceito

articulado pela teórica feminista norte-americana Stacy Alaimo. Sob essa perspectiva, a autora do ensaio expõe que “não há nada desconectado na natureza”, uma vez que nela estamos, integradas, modificando-a e sendo por ela modificadas. A partir desse viés, o capítulo expõe as diferentes formas que o conceito de transcorporalidade pode ser observado nos poemas de Jackie Kay, mais especificamente em “Mouth” (Boca) e “Inside” (Dentro), ambos da coletânea *Other Lovers* (1993), e “Bleep” (Bip), da coletânea *Off Colour* (1998).

Com esse recorte, o capítulo reflete sobre o conceito de violência e analisa suas diversas formas de que aparecem nos poemas selecionados, por vezes comparando-os com outros da mesma autora e com os de outras poetisas, como Grace Nichols, Conceição Evaristo e rupi kaur. O texto passa, ainda, por questões como a violência física, o estupro, a violência doméstica e a violência advinda da opressão de modo geral. Vê-se com Brandão que Kay, de forma irônica, discute questões relacionadas ao significado de feminilidade para a sociedade contemporânea, bem como questões relacionadas ao corpo, o que permite que a autora do capítulo aproxime um dos poemas à ideia do corpo grotesco bakhtiniano. Em contraste em relação à violência analisada nos primeiros poemas, o último texto é lido como referência à positividade da vida e à capacidade regeneradora da natureza, trazendo, pois, outras perspectivas para a obra de Jackie Kay.

No capítulo IV, intitulado “Relendo o mais-que-humano: Grace Nichols e a poesia das águas”, a autora, doutora em Estudos Literários (UFMG), Letícia Romariz, questiona a simbologia da água presente no imaginário coletivo, convidando os leitores a pensarem “uma outra visão deste elemento essencial à nossa vida a partir de três poemas da escritora Grace Nichols”, autora caribenha que, segundo Romariz, “possui uma outra visão sobre as águas que nos rodeiam”. Ao longo do capítulo, a pesquisadora evoca pensadores como Krenak (2022), Bennett (2010) e Alaimo (2010), aprofundando sua interpretação e revelando como a poesia de Nichols de fato apresenta outras formas de se pensar a água, os rios e o oceano.

Entre os poemas selecionados, observa-se que os textos da poeta conseguem se mover fora do antropocentrismo que se mostra tão inerente à língua e também ao nosso modo de ver o mundo. A partir do “Sea Timeless Song”, por exemplo, Romariz pensa como a exploração dos nativos caribenhos se aproxima da exploração da terra, ambos sofrendo com a opressão colonial; a partir de “Atlantic”, a pesquisadora questiona a ética humana, deixando clara a necessidade de se aprender com o equilíbrio e a ética do mais-que-humano. Desse modo, a cada análise, vai ficando ainda mais nítida a proposta do capítulo de que, com a poesia das águas de Nichols, é possível realizar “uma adaptação da nossa maneira de pensar”, distanciando-nos, para isso, de pontos de vista antropocêntricos aos quais estamos tão habituados.

O capítulo V, de título “Eu acredito que os humanos deveriam ser plantas: uma leitura da ficção de Han Kang sob a ótica da teoria ecofeminista”, de autoria de Jéssica Resende, doutoranda em Estudos Literários (UFMG), começa apresentando a autora Han Kang, recém-ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura (2024), e alguns aspectos da sua trajetória no campo literário. Resende aponta que parte do sucesso das

narrativas de Kang pode ser atribuído “à sua perspicácia em fazer uma leitura arguta do papel da mulher na sociedade patriarcal contemporânea”. Partindo dessa ideia, a autora do capítulo se dedica a pensar a dominação e a opressão de corpos femininos a partir das personagens de duas obras da escritora sul-coreana, o livro *A Vegetariana* (2018) e o conto *The fruit of my Woman* (2016).

Ao narrar a trajetória da protagonista de *A Vegetariana*, seu processo de parar de comer carne e a opressão familiar diante disso, Resende vai levantando questões provocativas à reflexão: “Não é a mulher um ser vivo também? Não teria ela o poder de escolha sobre o seu corpo e sua dieta alimentar?”. O capítulo tem um aporte teórico feminista robusto, que contribui para a discussão sobre a dominação e opressão dos corpos femininos e sobre a relação entre mulher e natureza, aproximando a opressão de ambas. O ensaio também traz interpretações contundentes acerca da obra de Kang, evidenciando, por exemplo, como a autora instiga os leitores a refletirem sobre a “(im) possibilidade de se viver uma vida fora das estruturas de violência em um mundo patriarcal”.

O capítulo VI, que traz como título “Feminismo e trabalho em uma perspectiva ecocrítica/ecofeminista em *Diez Mujeres*, de Marcela Serrano” e cuja autoria é de Laurenny Lourenço, uma das organizadoras do *ebook* já apresentada, Eduarda Vasconcelos e Sthefany Magalhães, ambas graduadas em Letras (UFMG), traz reflexões sobre um conto, de mesmo título do livro que integra, *Dez Mulheres* (2011), a obra mais premiada da autora chilena Marcela Serrano. O enfoque se dá sobre a análise da personagem Andrea, que é jornalista e *workaholic*, e sua relação com o mercado de trabalho. Inicialmente, apoiando-se em Verónica Schild (2016), o ensaio discute sobre o ingresso de mulheres trabalhadoras no cenário capitalista neoliberal, apontando como o discurso da emancipação feminina por meio da inserção no mercado de trabalho criou, na verdade, uma ilusão de autonomia das mulheres.

Para as autoras do capítulo, Serrano apresenta aos leitores uma “mulher que se define pelo trabalho”. Destaca-se a análise que as pesquisadoras fazem dessa personagem, Andrea, evidenciando como sua perspectiva está relacionada à dinâmica de controle de corpos existente na lógica capitalista de apropriação e subordinação, que se dá não somente com as mulheres e com a classe trabalhadora, mas também com a natureza. Para aprofundar nesse tópico, o ensaio discorre sobre as perspectivas da ecofeminista Alicia Puleo, identificando semelhanças entre a desvalorização e subordinação das mulheres e a exploração da natureza.

O Capítulo VII, intitulado “O feminino arquetípico em contos de fadas de Marina Colasanti: uma leitura ecofeminista”, de autoria de Edilane Ferreira, doutora em Estudos Literários (UFMG) e pós-doutora em Ecologia Humana (UNEB), analisa como as personagens femininas e masculinas de contos de fadas da escritora ítalo-brasileira Marina Colasanti se relacionam com as naturezas humana e mais-que-humana. Entre os contos, são analisados: “Entre as folhas do verde O”, “Vermelho, entre os troncos”, “Debaixo da pele, a lua”, “No aconchego de um turbante” e “Como os campos”. Além desse corpus expressivo, o capítulo traz um aporte teórico bastante robusto, o que se deve, provavelmente, ao fato de o texto ser oriundo da pesquisa de

doutorado de Edilane Ferreira, a qual também investiga as narrativas de Colassanti a partir da perspectiva ecofeminista.

Ferreira revela constatar que, nesse gênero elaborado pela escritora, as personagens femininas são vinculadas à natureza e as masculinas à cultura. Desse modo, seu argumento é que a relação que se dá entre as personagens e a natureza mais-que-humana nos contos é conduzida não só pelas questões sociais impostas, mas também pela conexão com o feminino arquetípico, que, segundo a autora, é representado pelo arquétipo da Deusa. Nesse sentido, o capítulo também se destaca por trazer essa perspectiva ligada à espiritualidade, alinhando-se às ideias da teórica Starhawk (1989), que, segundo Ferreira, defende o ecofeminismo como um movimento com base espiritual. Passando por Gayatri Spivak (2010[1985]) e Diana Fuss (2017[1989]), o ensaio também argumenta que o essencialismo de Colassanti é estratégico e contingencial e ainda se baseia na psicologia profunda de Carl Gustav Jung e seus conceitos de *anima*, *animus* e *Self* para pensar as representações masculinas, não deixando de lado, porém, uma perspectiva crítica, apresentando críticas revisionistas e feministas voltadas a esses mesmos conceitos.

Por fim, o Capítulo VIII, de título “Carnificina oculta: exploração animal e feminina em Saboroso Cadáver (2022), de Agustina Bazterrica”, de autoria da mestrandia em Estudos Literários (UFMG) Joana Coelho, que também assina esta resenha, tem como objeto a obra referenciada no título, da escritora argentina Bazterrica. O ensaio estabelece uma crítica à indústria da carne, movimentando, para isso, o conceito de especismo, cunhado por Richard Ryder (2010), e de “carnismo”, proposto pela psicóloga social Melanie Joy (2017), aproximando as elaborações teóricas de Joy à narrativa de Bazterrica. Passando pela discussão acerca da animalidade e da ética animal, o ensaio faz menções ao pensamento de Jacques Derrida (2002), Maria Esther Maciel (2021) e Peter Singer (2013) e busca evidenciar a aproximação entre a subjugação, dominação e exploração de corpos femininos à de animais não humanos, apoiando-se, para isso, nas ideias de *A política sexual da carne* (2012), de Carol J. Adams.

São destacados, no texto, os “mecanismos invisíveis” da indústria da carne, elencados para propagar na consciência coletiva a justeza de se comer carne. A autora procurou identificar esses elementos na indústria retratada na narrativa de *Saboroso Cadáver*, uma indústria que, em uma sociedade distópica, enfrenta a necessidade de disseminar a ideia de que consumir carne humana é aceitável. Isso ocorre porque, no cenário da obra literária, não é mais possível consumir carne de animais não humanos, já que todos estão contaminados. Com um tom crítico e provocativo, o capítulo de Coelho intenta refletir sobre as consequências advindas da dinâmica da indústria da carne atual, bem como as consequências que se pode vir a ter, trazendo para a conversa, por fim, o pensamento de Alicia Puleo (2015), entendendo o ecofeminismo como alternativa ao cenário atual de crise climática e superexploração ambiental, animal e humana.

É notório como *Ecologia, Literatura e Autoria feminina*, organizado nesses oito ensaios apresentados, de autoria de diversas pesquisadoras, enriquece o olhar sobre o ecofeminismo/ecocrítica feminista ao trazer diferentes perspectivas teóricas e

metodológicas. Essa diversidade contribui para uma compreensão multifacetada do ecofeminismo, evidenciando as diferentes perspectivas e vertentes que o movimento possibilita e explorando conceitos variados – o que fica evidente, por exemplo, no uso de termos distintos como “não humanos” e “mais-que-humanos”. Ao longo da leitura, revelam-se nuances significativas na abordagem das relações entre seres humanos – sobretudo mulheres – e natureza.

Cada autora imprime sua própria construção metodológica no desenvolvimento de seus ensaios, revelando suas respectivas lógicas e raciocínios próprios com particularidade sobre as obras literárias analisadas. Tudo isso torna o livro um mosaico valioso de interpretações e reflexões que amplificam a complexidade e a relevância do ecofeminismo não só para a análise literária, mas também para a elaboração de novos sentidos, novas visões de mundo e distintas alternativas que permitam, por sua vez, a construção de outros futuros possíveis. Em tempos de crise ecológica e climática, a obra aponta para reflexões urgentes, colaborando para ampliar o debate.

Referências

BRANDAO, I. F. O. (Org.) ; LOURENÇO, Laureny (Org.). *Literatura e Ecologia: trilhando novos caminhos críticos*. 1. ed. Maceió - AL: EDUFAL, 2019. v. 1. 181p.

MARQUES, Luiz. *Introdução*. O destino das sociedades define-se neste decênio. IN: Marques, Luiz. *O decênio decisivo*. São Paulo: Editora Elefante, 2023. E-book.

Enviado em 14/11/2024.

Recebido em 21/11/2024.